

Ensaio publicado na revista *Jama Pediatrics* mostra que adolescentes que consomem álcool, nicotina ou cannabis têm ideação de morte cinco vezes mais prevalentes. Estudo envolve pesquisadores norte-americanos de duas instituições

Substâncias tóxicas geram ideias negativas

» ISABELLA ALMEIDA

Um ensaio publicado na revista *Jama Pediatrics* abordou as complexas relações entre o uso de substâncias, pensamentos suicidas e comorbidades psiquiátricas entre estudantes do ensino médio. Os resultados, descritos pelos pesquisadores do Massachusetts Hospital Geral (MGH) e da Universidade de Minnesota, nos Estados Unidos, revelaram que adolescentes que usam álcool, nicotina ou cannabis têm ideação de morte cinco vezes mais prevalentes.

Para o trabalho, os cientistas usaram dados fornecidos por mais de 15 mil adolescentes. Os questionários incluíam perguntas sobre o uso de substâncias, como álcool, cannabis e nicotina, bem como sintomas psiquiátricos, incluindo pensamentos suicidas no último ano e sintomas depressivos ou de ansiedade, experiências psicóticas e falta de atenção ou hiperatividade.

“Procuramos determinar se o uso de substâncias estava associado de forma dependente da dose a vários sintomas psiquiátricos em uma grande amostra de estudantes do ensino médio, e se essas associações diferiam dependendo do tipo de substância usada”, frisou, em nota, o autor sênior Randi M. Schuster, professor associado de psicologia no Departamento de Psiquiatria do MGH e diretor de Pesquisa Escolar e Desenvolvimento de Programas do Centro de Medicina de Dependência do MGH.

Schuster e seus colegas descobriram que a ingestão de álcool, o uso de cannabis e de nicotina estavam ligados a um aumento na prevalência de pensamentos suicidas, bem como a sintomas de depressão e ansiedade, experiências psicóticas e sintomas de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

Por exemplo, os pensamentos suicidas eram aproximadamente cinco vezes mais prevalentes entre estudantes do ensino médio que utilizavam essas substâncias diariamente ou quase todos os dias, em comparação com aqueles que não o faziam.

Aumentos nos sintomas psiquiátricos foram detectados mesmo entre os estudantes com níveis de consumo relativamente baixos. As descobertas dos investigadores foram replicadas quando analisaram as respostas de um trabalho nacional.

“Os resultados do nosso estudo destacam a prevalência de comorbidades psiquiátricas entre os jovens que

utilizam substâncias e dão um forte apoio à noção de que o rastreio, a prevenção, os esforços de intervenção e políticas precisam abordar de forma abrangente as metas que vão além do uso de substâncias por si só”, sublinhou, em nota, o autor principal Brenden Tervo-Clemmens, professor assistente da Faculdade de Medicina da Universidade de Minnesota.

“Os esforços podem não ser necessariamente específicos para uma determinada substância, mas, sim, refletir as necessidades multifacetadas de saúde mental de todos os adolescentes que utilizam substâncias”, finalizou.

Juliana Gebrim, psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB) e neuropsicóloga pelo Instituto de Psicologia Aplicada e Formação de Portugal (IpaF), pontua que o uso de substâncias em, alguns casos, é uma forma de tentar lidar com problemas. “Mas pode agravar essas questões. É fundamental abordar tanto o uso, quanto os transtornos mentais de forma integrada, oferecendo suporte e intervenções adequadas para os estudantes.”

Lucas Benevides, psiquiatra e professor de medicina no Uniceub, em Brasília, diz que, no contexto universitário, o uso abusivo de substâncias como álcool e tabaco está frequentemente associado à busca de prazer, ao despertar os desejos, a popularidade e o sucesso.

“Padrões que são socialmente difundidos e reforçados. Quanto à relação dose-dependente, o consumo frequente e em abundância pode exacerbar os transtornos mentais, alterando os sintomas de forma momentânea e podendo até modificar a química cerebral, resultando em prejuízos à saúde mental dos estudantes”, observa Benevides.

Futuro

Schuster está liderando um ensaio que irá entrevistar estudantes ao longo do tempo para fornecer informações adicionais sobre a relação e o momento do consumo de substâncias e os sintomas psiquiátricos, o que poderá ajudar os investigadores a desenvolver intervenções para proteger a saúde mental dos adolescentes.

Os autores da pesquisa enfatizaram ainda a importância de compreender essas complexas relações para orientar triagens, prevenção, intervenção e políticas relacionadas à saúde mental dos adolescentes. Eles esperam que seus achados contribuam para a implementação de estratégias mais eficazes

Image by freepik



Cientistas analisaram dados de 15 mil adolescentes para o estudo que associa o consumo de lícitos e ilícitos às alterações

Palavra de especialista

Mobilização geral

Se prevenimos na adolescência, conseguimos diminuir bastante os riscos na idade adulta. Estamos vendo que a taxa de suicídio que está aumentando, feminicídio, depressão, ansiedade. Devemos proteger a infância e a adolescência, ter amparo nas escolas, uma mobilização geral, porque eles são muito mais vulneráveis, não podem ser negligenciados. O estudo mostra que independe do tipo de substância, mas da vulnerabilidade do adolescente. Seja qual for a droga, ela vai ser perigosa do mesmo jeito. O outro dado importante é que o aumento dos sintomas psiquiátricos foi detectado mesmo com nível de consumo relativamente baixo. Então, não adianta achar que está seguro porque está usando pouco. As minhas práticas incluem fazer um rastreio de pacientes que têm certa predisposição e entrar numa discussão ampla sobre a questão da liberação das drogas. Os adolescentes vão ter

Arquivo pessoal



muito mais liberdade, por exemplo, com a maconha ou outras drogas se eles forem expostos. Um cérebro em desenvolvimento é muito mais vulnerável a quadros psicóticos, suicídio.

Fábio Leite, psiquiatra do Hospital Santa Lúcia Norte, em Brasília

de apoio e intervenção para os jovens, visando a redução do impacto negativo do uso de substâncias e o fortalecimento da saúde mental nessa fase crucial do desenvolvimento.

Juliana Gebrim reforça que é essencial garantir acesso aos tratamentos para saúde mental, como aconselhamento e apoio psicológico, para atender às necessidades dos adolescentes que enfrentam sintomas psiquiátricos. Segundo ela, é necessário envolver o

conjunto que cerca o jovem e não apenas o paciente.

“Estratégias de prevenção devem envolver ativamente a participação de famílias e escolas, criando um ambiente de apoio que identifique precocemente sinais de risco e promova a saúde mental. Além disso, é importante desmistificar o estigma associado à saúde mental, incentivando uma abordagem aberta e proativa em relação ao cuidado mental”, diz a psicóloga.



Há a prevalência de comorbidades psiquiátricas entre os jovens que utilizam substâncias”

Brenden Tervo-Clemmens, professor assistente da Faculdade de Medicina da Universidade de Minnesota

VIA HORMONAL

Casos de transmissão de Alzheimer

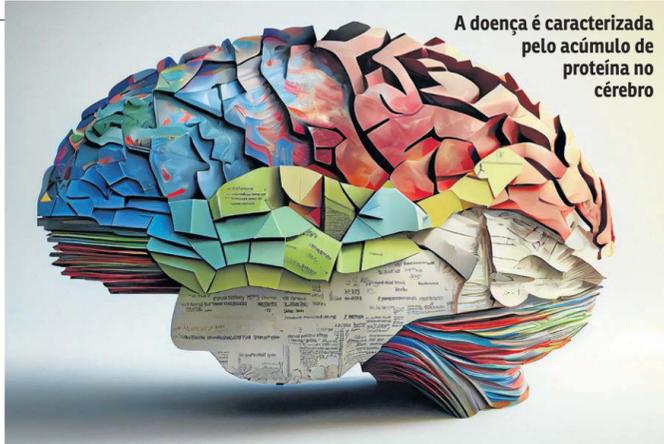
Alzheimer pode ser adquirido? É o que sugerem cientistas da University College London (UCL), no Reino Unido. A equipe de cientistas revelou uma possível ligação entre cinco casos da doença de Alzheimer e tratamentos médicos realizados décadas antes. A doença normalmente associada à proteína beta-amiloide, comum na fase final da vida adulta ou hereditária devido a um gene defeituoso. O estudo, publicado ontem na *Nature Medicine*, apresenta a primeira evidência em pessoas vivas que adquiriram a doença clinicamente através da transmissão da proteína beta-amiloide.

Conforme o trabalho, os pacientes avaliados foram tratados na infância com

uma forma de hormônio de crescimento humano derivado de cadáveres, conhecido como c-hGH, utilizado no Reino Unido entre 1959 e 1985. A abordagem foi interrompida após a descoberta de contaminação por príons, responsáveis pela doença de Creutzfeldt-Jakob. Investigações anteriores indicaram que o c-hGH contaminado continha beta-amiloide, sugerindo a transmissão da patologia.

Oito pacientes submetidos ao c-hGH quando crianças foram encaminhados à Clínica Nacional de Príons da University College London. Cinco deles, entre 38 e 55 anos, apresentaram sintomas de demência e foram diagnosticados com Alzheimer. A idade jovem que os diagnosticados desenvolveram

Image by vecstock on Freepik



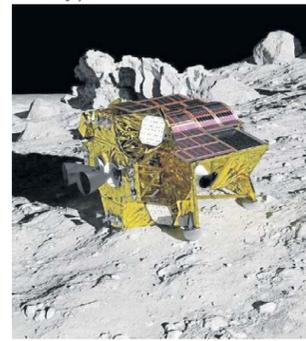
sintomas sugere que eles não sofriram da doença de Alzheimer associada à velhice. Nas cinco pessoas cujas amostras estavam disponíveis para testes genéticos, a equipe descartou ainda o Alzheimer hereditário.

Os pesquisadores sublinham a importância de revisar medidas para evitar a transmissão acidental de beta-amiloide em outros procedimentos médicos, embora o risco atual seja inexistente, pois o tratamento com c-hGH foi

Módulo japonês volta a operar

O módulo lunar japonês SLIM retomou suas operações após nove dias de desafios desde o pouso lunar em um ângulo incorreto, com pouca energia remanescente, conforme anunciado pela agência espacial JAXA, ontem. A restauração do fornecimento de energia é um alívio para o programa espacial japonês, e a JAXA declarou ter restabelecido a comunicação com o SLIM, reiniciando imediatamente as operações e iniciando observações científicas. O módulo, que atingiu um pouso a 55 metros do alvo inicial na Lua, conquistando uma precisão notável, tornou o Japão o quinto país a realizar tal feito. O veículo espacial, desenvolvido em conjunto com a empresa de brinquedos Transformer, alcançou seu objetivo de pousar próximo a uma cratera, visando explorar o manto lunar.

Jaxa/Divulgação



descontinuado. Não houve casos relatados de Alzheimer adquirido em outros procedimentos médicos ou cirúrgicos. Não há também sugestões de que a beta-amiloide possa ser transmitida na vida cotidiana ou durante cuidados médicos ou sociais de rotina. As descobertas indicam semelhanças entre a doença de Alzheimer e de Creutzfeldt-Jakob, sugerindo implicações importantes para novos estudos e abordagens.

Apesar da descoberta, o coautor Jonathan Schott, professor da UCL, frisa que não é preciso alarde. “As circunstâncias pelas quais acreditamos que esses indivíduos desenvolveram tragicamente a doença de Alzheimer são altamente incomuns, e para reforçar que não há risco de a doença se espalhar entre indivíduos ou em cuidados médicos de rotina é necessário investigar mais. Os resultados fornecem informações valiosas sobre os mecanismos da doença e abrem caminho para futuras pesquisas”, disse em nota.